

■ NICARÁGUA: MOEDA CONVERSÍVEL E HETERODOXIA

(Carlos Mussi, CEPAL Brasília)

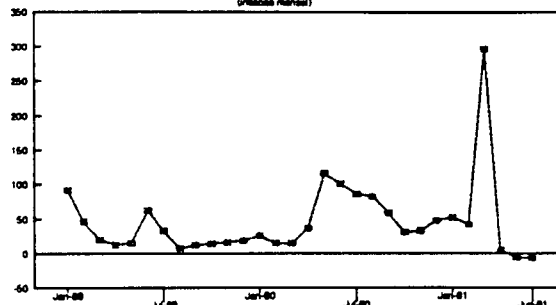
Os recentes relatos de experiências de estabilização na América Latina concentram suas atenções na Argentina, com a implementação do Plano Cavallo. Esta experiência de introdução da plena conversibilidade da moeda local a uma taxa de câmbio fixa tem sido também base de diferentes propostas para a economia brasileira. Entretanto, a Nicarágua está trilhando um processo semelhante de estabilização há mais de um ano. Esta nota visa, de forma sumária, apresentar as principais etapas da experiência nicaragüense.

Inicialmente, cabe situar o desempenho sócio-econômico da Nicarágua nos últimos anos. Durante a década de 80, a economia nicaragüense recebeu o impacto de importantes transformações na sua estrutura produtiva e, principalmente, os danos de um amplo conflito armado interno que absorveu e limitou a atividade econômica. Os principais indicadores econômicos são desalentadores. O produto interno bruto registra uma queda contínua desde 1984; a atual *renda per capita* é semelhante à registrada há 30 anos atrás; a elevação dos preços atinge nível hiperinflacionário, que superou até 43.000% ao ano; o setor público gera seguidos déficits, que alcançou 27% do PIB; a dívida externa representa 23 vezes as exportações de bens e serviços; e a taxa de sub utilização da mão-de-obra, que inclui o subemprego, é de 45% da força de trabalho.

A eleição de um novo governo no início de 1990 trouxe não somente uma atenuação na instabilidade política, mas uma drástica mudança na política econômica. A nova administração se propôs a enfrentar diretamente o processo inflacionário, através de medidas que reduziriam a presença do estado e estimulariam as ações do setor privado, segundo as forças de mercados. Para

guiar este processo de estabilização, foi criada uma nova moeda, o *córdoba-oro*, com conversibilidade ao par com o dólar norte-americano. O *córdoba-oro* conviveria com a moeda corrente, *nuevo-córdoba*, pois seria introduzido em etapas, inicialmente apenas como unidade de conta. Assim, as expectativas inflacionárias poderiam ser diminuídas, ao apresentar uma moeda lastreada em divisas. No entanto, as condições básicas para permitir o *córdoba-oro* como meio de pagamento, ou seja, controle do déficit público, amplo acesso ao financiamento externo e menor defasagem cambial, mostraram-se de difícil alcance.

Nicaragua: evolução dos preços internos
(preços mensais)



A administração anterior, no término de seu mandato, abandonou seu esforço de estabilização realizado em 1989, quando reduziu a inflação anual de 43.000% para 1.700%, através de uma forte contenção fiscal, obtendo um déficit público de cerca de 6% do PIB, e realismo cambial, com freqüentes desvalorizações. Além do mais, naqueles últimos meses de mandato, vários mecanismos de perpetuação do gasto público, em especial com pessoal, foram estabelecidos.

Assim, ao implementar sua política econômica, através de significativas máxidesvalorizações da moeda corrente e propor a redução dos gastos públicos, em especial a demissão de funcionários, as novas autoridades observaram, no seu prazo inicial, resultados inversos ao anunciado. A inflação mensal superou rapidamente o nível de

100%; o nível de atividade foi prejudicado por duas prolongadas greves gerais; e o déficit público mais que duplicou para 15% do PIB, em especial pela queda real de 30% na arrecadação. Por sua vez, o financiamento externo, ainda que significativamente superior ao observado em anos anteriores, ficou aquém das necessidades do setor público e, no segundo semestre, agregou-se o impacto negativo da elevação do preço internacional dos combustíveis.

Portanto, a introdução plena do *córdoba-oro* teve que ser limitada por falta das condições básicas. Na realidade, a moeda tornou-se um novo mecanismo de indexação, para operações financeiras e pagamento de tributo. Como meio de pagamento, parte dos salários do setor público foi paga em *córdoba-oro*. Esta pequena circulação da moeda conversível estimulou imediatamente a importação de bens de consumo e drenou as escassas reservas internacionais.

Frente ao impasse interno, o governo nicaraguense, além da troca de equipe econômica, abriu-se para a negociação de um acordo político para desenhar um plano de "estabilização com proteção social". No âmbito externo, concentrou-se na obtenção de novos financiamentos. Enquanto estas ações eram tomadas, o processo inflacionário permaneceu vigoroso, com taxas mensais superiores a 40%, por quase todo o segundo semestre de 1990, acumulando uma variação anual de 13.490%. A deterioração da credibilidade já era indicada no final daquele ano, pelo deságio no mercado paralelo da cotação do *córdoba-oro*.

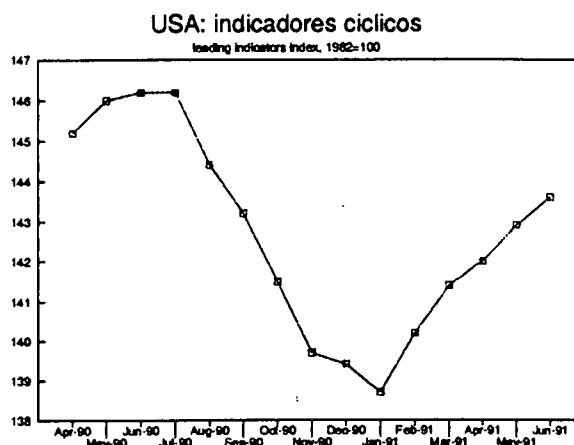
Finalmente, em março de 1991, um conjunto de medidas heterodoxas foi implementado. As principais medidas foram: plena introdução do *córdoba-oro*, porém a uma taxa de câmbio de cinco por dólar norte-americano; fortes restrições ao crédito interno e conseqüente elevação nas taxas de juros; aumentos nas tarifas de serviços básicos, combustíveis e de produtos alimentícios entre 150 e 350%; estímulos financeiros para a demissão de funcionários e um aumento de 200% nos salários públicos. A seguir, implementou-se uma forte e

ampla política de controle de preços, com intervenção direta do governo no fornecimento de produtos básicos. O resultado destas medidas foi uma estrondosa elevação inicial da inflação a 297% em março, que caiu para níveis deflacionários de -6% e -7%, em maio e junho, respectivamente.

A base substancial deste programa está no maior fluxo de financiamento externo, em especial ao setor público. Espera-se, para o segundo semestre, uma ampla renegociação do passivo externo do país e novos recursos. A partir deste apoio externo, o governo nicaraguense espera poder compatibilizar uma futura liberalização e maior privatização da economia, pois no momento está absorvendo, via subsídios e intervenção direta, os custos do programa. Os resultados nos primeiros meses desta heterodoxia foram superiores ao esperado. No entanto, a sustentabilidade da estabilização alcançada ainda é de difícil previsão, dado que reformas estruturais continuam a condicionar a perspectiva da economia nicaraguense.

■ USA: RECUPERAÇÃO AINDA INCERTA

Os números mais recentes da economia norte-americana ainda revelam um quadro pouco nítido em relação à intensidade da recuperação econômica. Se, por um lado, como ilustra o gráfico 2, o principal indicador governamental de previsão (índice composto de indicadores antecedentes) cresceu pelo quinto mês consecutivo em junho, por outro, as encomendas às fábricas caíram.



É comum em final de recessão este desencontro entre os indicadores econômicos, mas no caso atual parece sugerir que a recuperação da economia americana não será como em outras ocasiões, com taxas de crescimento acentuadas. Com efeito, as previsões mais recentes da OCDE indicam para os Estados Unidos um crescimento praticamente nulo para este ano, que deverá afetar adversamente o desempenho global da economia mundial. O índice dos indicadores antecedentes aumentou 0,5% em junho, após ter crescido 0,8% em maio. O índice coincidente também cresceu pelo terceiro mês consecutivo, outro sinal de que a recessão está no fim.

Por outro lado, entretanto, as encomendas às fábricas (tabela 1) caíram 1,4% para US\$ 233,3 bilhões em junho, revertendo a tendência de dois meses consecutivos de crescimento acima de 2%. Esta queda foi geral, atingindo tanto o setor de bens duráveis, aqueles que devem sobreviver mais de três anos, quanto o de bens não-duráveis. Na última semana, o Departamento de Comércio estimou que as encomendas de bens duráveis podem ter caído ainda mais, em torno de 1,6% em junho.

Cinco dos onze componentes do indicador antecedente foram positivos: a duração da semana média de trabalho, as expectativas do consumidor, os pedidos de benefícios de desemprego, as autorizações para construir e a velocidade com que os fornecedores entregam insumos. Outros cinco foram negativos, refletindo o desempenho fraco da indústria em junho. São: encomendas de bens de consumo, estoques, oferta monetária, preços por atacado e encomendas de novas plantas e equipamentos. A variação do outro componente, os preços das ações, foi insignificante.

Por outro ângulo, a taxa de desemprego caiu para 6,8% em julho, após ter sido 7,0% no mês anterior. Esta taxa, comemorada com algum entusiasmo em Washington, é devida em grande parte, entretanto, à diminuição da força de trabalho: 415.000 trabalhadores desistiram de procurar emprego em julho. De qualquer modo, os principais analistas americanos crêem que a recessão está terminada, mas a recuperação não será espetacular. Ao

contrário, poderá haver alguma oscilação em termos de desempenho econômico nos próximos meses, alternando-se boas e más notícias.

■ INGLATERRA: QUEDA NA PRODUÇÃO DESFAZ ESPERANÇAS DE RECUPERAÇÃO

As esperanças de recuperação econômica, alimentadas pelo governo britânico, sofreram pesado golpe com a publicação, pela Confederação da Indústria daquele país, de que houve queda de confiança, de pedidos e de produção na indústria inglesa. A pesquisa trimestral de tendências, publicada pela Confederação, demonstra que as esperanças de que a recessão seria abrandada não se cumpriram durante os últimos três meses.

"A recessão continua mordendo cada vez mais" afirmou David Wigglesworth, presidente do conselho que supervisiona a pesquisa. "*É muito cedo para falar em recuperação*", disse, frisando que a recuperação poderia ser postergada até o próximo ano e que, quando finalmente aparecesse, seria "*modesta e lenta*". David Wigglesworth chegou a sugerir, de imediato, um corte de um ponto percentual nas taxas de juros, para restituir a confiança aos empresários e consumidores. Esse movimento refletiria o progresso atingido pela indústria em controlar a inflação. A pesquisa, envolvendo 1.300 empresas, responsáveis por metade das exportações de manufaturados ingleses e por mais de 2 milhões de empregados, mostrou que a maioria das companhias está promovendo cortes, ao invés de aumentos, em seus preços finais, um resultado que não era visto há 24 anos.

David estima que a indústria continuará a dispensar de seis a sete mil empregados por semana, depois que a pesquisa mostrou que a perda de empregos nos últimos quatro meses é a maior desde outubro de 1981. Suas previsões coincidem com a advertência feita pela Sociedade de Montadoras e Comerciantes de Veículos, de que o setor enfrentará uma perda adicional de cerca de 40.000 empregos durante o próximo ano.

A sombria pesquisa da Confederação contrasta com as recentes declarações otimistas a respeito da economia inglesa feitas por Norman Lambert, Ministro da Fazenda, em uma entrevista dada no último dia 28. No dia 30, John Maples, Secretário do Tesouro, admitiu que a pesquisa revelava um *pequeno revés*. O Tesouro afirmou que a queda de otimismo demonstrada era, em grande parte, proveniente da queda sazonal de confiança dos empresários, normal entre abril e julho. Por outro lado, as esperanças de recuperação econômica haviam sido artificialmente alimentadas pelo término da guerra do golfo.

Michael Saunders, economista da empresa Salomon Brothers International, em Londres, disse que a recuperação será dificultada pelos baixos investimentos, altos níveis de estoques e perda de poder aquisitivo dos consumidores, resultante do maior desemprego. Advertiu que os serviços pessoais e imóveis, não incluídos na pesquisa, teriam recuperação ainda mais lenta que a indústria, por causa dos seus altos níveis de endividamento.

As pequenas e médias empresas da Inglaterra também estão se tornando mais pessimistas de acordo com o último número do *barômetro empresarial* publicado pela 3i, uma empresa de participações. O índice 3i de confiança empresarial caiu de +6 em abril para -8 em julho, quando o otimismo gerado pelo fim da guerra do golfo cedeu lugar a uma visão mais realista. Esse último índice, entretanto, está acima dos -21 de janeiro deste ano.

A pesquisa de julho abrangeu 460 firmas que têm em comum uma história de alto crescimento. Somente 32% delas esperam que o seu número de empregados cresça durante 1991, enquanto 44% julgam que o número caia. Quase 40% das firmas entrevistadas espera que sua rotatividade de pessoal aumente no próximo trimestre, e 30% esperam queda nas vendas. Esta é a pior expectativa desde que o índice começou a ser levantado, em 1988. Os empresários do norte do país estão, em geral, mais otimistas que os do centro e sul da Inglaterra.

■ O BRASIL VISTO DE FORA

Polícia brasileira lança grande operação antidrogas

A Polícia Federal lançou uma grande operação antidrogas, numa tentativa de quebrar a influência dos cartéis colombianos de Medellín e Cali no Estado de Rondônia, na região amazônica. Três deputados federais de Rondônia estão sendo investigados por suposta ligação com traficantes de cocaína. Um deles, Jabes Rabelo, prestou depoimento na comissão do Congresso que investiga o tráfico de narcóticos, sobre sua suposta ligação com os barões da droga de Cali.

No mês passado, Abidiel Rabelo, irmão do deputado, foi preso em São Paulo acusado da posse de meia tonelada de cocaína. Outra acusação que pesa sobre Abidiel é a de porte de identidade falsa, assinada por seu irmão.

Os outros dois deputados implicados no escândalo são Maurício Calixto, acusado de pertencer ao cartel de Medellín, e Nobel Moura, acusado de ser membro do grupo de Cali. Acredita-se que os cartéis colombianos estejam desviando a maior parte de suas operações para o Brasil. Os três deputados foram denunciados por Raquel Cândido, também deputada por Rondônia, que está sob proteção policial após ser fisicamente atacada por Nobel Moura no plenário do Congresso enquanto fazia um discurso denunciando o tráfico em Rondônia.

A Polícia Federal iniciou também a evacuação de 9.000 garimpeiros de ouro e estanho de Rondônia. Há suspeitas de que os garimpeiros estejam lavando dinheiro dos cartéis da droga. As autoridades acreditam que Rondônia é o centro do comércio de cocaína no Brasil. O Estado, que já ganhou o apelido de *Colômbia brasileira* tem uma fronteira de mais de mil quilômetros com a Bolívia. (FT 01/08/91)

TABELA 1

USA: encomendas fabris

Encomendas novas, líquidas (adj. seas.)

(US\$ bilhoes)

	Total	Duráveis	Nao duráveis
Abr-90	240,3	125,6	114,7
Mai-90	245,3	129,9	115,4
Jun-90	242,4	127,1	115,3
Jul-90	245,0	129,4	115,7
Ago-90	250,6	129,0	121,6
Set-90	249,0	126,9	122,1
Out-90	255,0	130,9	124,1
Nov-90	239,2	116,2	123,0
Dez-90	238,2	120,2	118,0
Jan-91	234,5	117,8	116,7
Fev-91	233,1	117,5	115,6
Mar-91	226,4	112,1	114,3
Abr-91	230,5	115,4	115,1
Mai-91	239,5	118,4	118,1
Jun-91	223,3	116,8	116,5
